

ESQUIZODRAMA E INTERSECCIONALIDADE NA ESCOLA: UMA APOSTA NA POTÊNCIA CRIATIVA DE ESTUDANTES ADOLESCENTES¹

Beatriz Helena Silva Medeiros de Castro²

Mara Salgado³

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa marcada por intensas transformações subjetivas e sociais. Para Dunker (2020), essa fase é um momento de muita angústia, incertezas e sofrimento. Entretanto, esse sofrimento costuma ser despercebido e, muitas vezes, negado. Para cuidar desses sofrimentos que emergem nas instituições, principalmente nas escolares, é necessário criar experiências de intimidade e reconhecimento do sofrimento, como a criação e fortalecimento de vínculos afetivos, promoção da escuta, compartilhamento do mal-estar.

Compreender a adolescência exige reconhecê-la como uma fase complexa, atravessada por gênero, classe social, contextos socioculturais e históricos, o que torna impossível tratá-la de forma homogênea ou acabada (TRAVERSO-YÉPEZ e PINHEIROS, 2002; VELHO et al., 2014). A perspectiva interseccional de Collins e Bilge (2021) fornece ferramentas analíticas para compreender como essas categorias como raça, gênero, classe, orientação sexual, etnia e idade interagem na produção das experiências sociais, oferecendo uma lente para estudar a complexidade da vivência adolescente no contexto escolar.

Nesse contexto, o Esquizodrama, criado na década de 1970 por Gregório Barenblitt, apresenta-se como uma práxis que ajuda articular teorias, técnicas e *clínicas* (referência a *Klinamen*, palavra grega que significa desvio e invenção) inspiradas na Esquizoanálise de Deleuze e Guattari e na Análise Institucional, dialogando com práticas performáticas como música, dança, canto, artes marciais, massagens e modos de respiração (BAREMBLITT, 2023). Enquanto procedimento teórico-metodológico, pode ser utilizado em todo tipo de organização, estabelecimentos, grupos e com indivíduos, com finalidades terapêuticas, pedagógicas e organizativas, consubstanciadas em um propósito inventivo (INSTITUTO GREGÓRIO

¹ Este trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa financiada pela FAPEMIG Edital 09/2024 UEMG.

² Bolsista FAPEMIG Edital 09/2024 e graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG, beatrizhelenas2005@gmail.com;

³ Professora orientadora: Docente do Curso de Psicologia, Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG, mara.salgado@uemg.br.

BAREMBLITT, s.d). No ambiente escolar, o Esquizodrama articula-se com a Psicologia Social Crítica, promovendo reflexões sobre as opressões sociais reproduzidas nas instituições educativas e favorecendo a criação de vínculos afetivos e de resistência a práticas que alimentam o sofrimento adolescente.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo analisar as relações entre adolescência, interseccionalidade e Esquizodrama, investigando como essa práxis escolar orientada por aspectos analíticos-institucionais, esquizodramáticos e da Psicologia Social Crítica, voltada para a intervenção nos processos coletivos grupais que envolvem a comunidade escolar, pode acolher o sofrimento adolescente e fomentar experiências inventivas e coletivas no contexto escolar e, neste recorte, com os estudantes adolescentes do 1º ano do ensino médio de uma escola pública em Divinópolis (MG).

A relevância deste estudo reside na necessidade de desenvolver práticas educativas que acolham a complexidade das vivências adolescentes, possibilitando espaços de reflexão, criação e transformação no cotidiano escolar.

METODOLOGIA

O percurso teórico-metodológico da pesquisa-intervenção, de caráter qualitativo, apoia-se no Esquizodrama, desenvolvido por Gregório Barembritt (2023) na década de 1970, derivado da Esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Esse referencial é articulado ao marco teórico da Psicologia Social Crítica, com foco na interseccionalidade (COLLINS e BILGE, 2021). Foram realizadas cinco *clínicas* grupais com cerca de oitenta estudantes do 1º ano do ensino médio de uma escola pública em Divinópolis (MG). Os temas trabalhados foram sugeridos pelos próprios adolescentes e registrados em diários de campo, que constituíram o principal instrumento de análise.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais e seguiu princípios éticos para estudos com seres humanos. A participação dos estudantes foi voluntária e afirmada pelas assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, dos Termos de Assentimento dos responsáveis e dos adolescentes, bem como do Termo de Anuência da representante legal da escola, garantindo o anonimato, o sigilo e o direito de imagem dos/as participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo fundamenta-se na compreensão da adolescência como um processo complexo, atravessado por contradições e desafios subjetivos e sociais (DUNKER, 2020; TRAVERSO-YÉPEZ e PINHEIROS, 2002).

Segundo Christian Dunker (2020), a escola tem sido a depositária de expectativas sobre o futuro, por parte dos pais, sociedade e da própria comunidade escolar, incompatíveis com as possibilidades, em grande medida imprevisíveis, que somente se apresentarão no futuro. Tal incompatibilidade se deve tanto ao fato de que temos poucas possibilidades de previsão dos desdobramentos sociais e tecnológicos e suas exigências de adaptação quanto porque os adultos não conseguem ler bem os sofrimentos dos adolescentes e os próprios, negando o sofrimento e, nisso, enfraquecendo os meios para a responsabilização e para o cuidado compartilhado das experiências que intensificam o que faz sofrer.

Os sofrimentos vivenciados pelos adolescentes revelam aspectos subjetivos, mas são inseparáveis das condições objetivas da realidade que constituem e forjam as subjetividades. Nesse sentido, a reflexão crítica sobre os sofrimentos manifestos na adolescência alcança maior profundidade quando considera a interseccionalidade dos fenômenos. A interseccionalidade possibilita analisar como diferentes eixos de opressão, como gênero, raça, classe e orientação sexual, interagem na produção das experiências adolescentes (COLLINS e BILGE, 2021).

Embora, inicialmente a difusão do conceito de interseccionalidade possa ser vinculada ao movimento *Black Feminism*, de 1970, que criticava o feminismo branco, de classe média e heteronormativo, a interseccionalidade se contrapõe às categorias universais presentes em modelos teóricos totalizantes, inclusive aqueles que fundamentam o pensamento sobre o feminismo, e abrange uma perspectiva transdisciplinar de análise das complexidades de identidades de gêneros e das desigualdades sociais (PISCITELLI, 2008) (HIRATA, 2014).

Trata-se de considerar que no estudo e intervenção com adolescentes no contexto escolar é preciso provocar reflexões sobre as relações sociais de poder atravessadas por marcadores de desigualdades, que produzem experiências cotidianas distintas para as diversas condições de adolescências. Compreende-se que o esquizodrama é capaz de tal provocação no pensamento e no corpo dos adolescentes na medida que convoca as pessoas a sentirem e agirem coletivamente em benefício da resolução dos conflitos entre sujeitos/as e realidades.

O Esquizodrama, conforme Baremlitt (2023), atua como uma prática ético-política e estética que potencializa processos coletivos de criação e análise institucional. Permitindo assim a emergência de novas narrativas, reinvenção de vínculos afetivos e grupais e expressão de subjetividades adolescentes no contexto escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa de inspiração esquizodramática e institucional, estruturada em *klinicas* grupais realizadas com estudantes do 1º ano do ensino médio. As *klinicas* constituíram espaços de escuta, compartilhamento do mal-estar e invenção coletiva, nos quais se buscou compreender os modos como as experiências interseccionais atravessam o sofrimento e as formas de convivência na escola. O trabalho analítico foi sustentado pela observação dos processos grupais, pelo registro reflexivo e pela análise dos sentidos produzidos nas interações.

As intervenções demonstraram que o Esquizodrama, em diálogo com a perspectiva interseccional, possibilita um olhar analítico e sensível sobre as experiências adolescentes, favorecendo práticas criativas, corporais e estéticas. A partir da primeira *klinica*, emergiram quatro eixos de discussão, que se configuraram como categorias analíticas: **Amor** – discussão sobre diferentes formas de vínculo e desejo por laços genuínos e por espaços de escuta; **Redes de apoio** – valorização de vínculos dentro e fora da escola como suporte emocional; **Limites e potências da escola** – reflexões críticas sobre normas, práticas pedagógicas e hierarquias institucionais; **Importância do brincar** – resgate da dimensão lúdica como forma de expressão e resistência.

Os resultados indicam que o Esquizodrama pode funcionar como um dispositivo de análise institucional, promovendo o questionamento das normas e hierarquias presentes na escola, ampliando possibilidades de expressão, além de fortalecer vínculos afetivos. Em diálogo com Collins e Bilge (2021), observa-se que as discussões sobre gênero, raça e classe surgiram de forma espontânea, evidenciando como a interseccionalidade atravessa o cotidiano dos adolescentes.

É possível compreender que os estudantes desenvolveram maior capacidade de problematizar opressões, reconhecer subjetividades e valorizar potencialidades, corroborando a compreensão de Dunker (2020) sobre a relevância de espaços institucionais de escuta e acolhimento do sofrimento. O ambiente de confiança e apoio mútuo favorece práticas coletivas de resistência e inventividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados permite dizer que a práxis esquizodramática favorece o fortalecimento dos vínculos afetivos entre os estudantes, amplia as possibilidades de expressão

e cria brechas para o enfrentamento das opressões e normatizações presentes no cotidiano escolar. Observou-se também que, ao articular adolescência, interseccionalidade e Esquizodrama, foi possível promover a escuta das singularidades e estimular práticas coletivas de resistência, potencializando processos de subjetivação e cuidado no espaço educativo. Dessa forma, o estudo busca contribuir para a construção de práticas escolares inventivas e acolhedoras, capazes de reconhecer o sofrimento adolescente e transformá-lo em potência criativa e coletiva.

As práticas esquizodramáticas, integradas à perspectiva interseccional, contribuem para tornar a escola mais democrática, criativa e afetiva, promovendo a participação ativa dos adolescentes e valorizando suas trajetórias. Ao abrir brechas institucionais que (des)organizam a rigidez do cotidiano escolar, o Esquizodrama se mostra como ferramenta analítico-metodológica potente para a Psicologia Escolar e Social Crítica, favorecendo acolhimento, inventividade e cuidado coletivo.

Palavras-chave: Esquizodrama, Psicologia Social Crítica, Interseccionalidade, Intervenção com Adolescentes.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregório; AMORIM, Margarete Aparecida; HUR, Domenico Uhng. Esquizodrama: teoria, método e técnica/klínicas. Editora IGB, Belo Horizonte, 3ª edição, 2023, 116 p.

COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Sirma. Interseccionalidade; tradução Rane Souza. - 1. ed - São Paulo: Boitempo, 2021.

DUNKER, Christian. Paixão da ignorância: a escuta entre Psicanálise e Educação – Coleção Educação e Psicanálise, vol. 1 | Christian Dunker – São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidades das relações sociais. Tempo social, revista de Sociologia da USP, 2014, v. 26, n. 1, pp. 61-73.

INSTITUTO GREGORIO BAREMBLITT. Esquizodrama. Disponível em: <https://igbbh.com.br/servicos/esquizodrama/>



PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 2008, v. 11, n. 2, jul/dez, pp. 263-274.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha; PINHEIRO, Verônica de Souza. *Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas*. *Psicologia & Sociedade*, v. 14, n. 2, p. 133-147, jul./dez. 2002..

